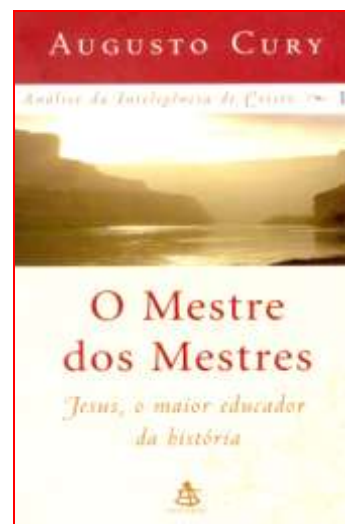


CAPÍTULO 5

Cristo perturbaria o sistema político

Cristo queria produzir uma revolução no interior do ser humano



Cristo tinha conhecimento da miséria social do ser humano e da ansiedade que estava na base da sua sobrevivência. Queria mesmo aliviar essa carga de ansiedade e tensão que carregamos em nossa trajetória de vida (*Mateus 6:25-34*). Embora tivesse plena consciência da angústia social e do autoritarismo político que as pessoas viviam em sua época, ele detectava uma miséria mais profunda do que a sócio-política, uma miséria presente no íntimo do ser humano e fonte de todas as outras misérias e injustiças humanas.

Cristo atuava pouco nos sintomas; seu desejo era atacar as causas fundamentais dos problemas psicossociais da espécie humana. Por isso, ao estudar o seu propósito mais ardente, compreendemos que sua revolução não era política, mas íntima, clandestina. Uma mudança que inicia no espírito humano e se expande para toda a sua psique, renovando a sua mente, expandindo a sua inteligência, transformando intimamente a maneira como o ser humano compreende a si mesmo e o mundo que o circunda, garantindo, assim, uma modificação psíquica e social estável.

Cristo pregava que somente por meio dessa revolução silenciosa e íntima seríamos capazes de vencer a paranóia do materialismo não inteligente e do individualismo e desenvolver os sentimentos mais altruístas da inteligência, como a solidariedade, a cooperação social, a preocupação com a dor do outro, o prazer contemplativo, o amor como fundamento das relações sociais.

Quem pode questioná-lo? A história tem confirmado, ao longo das sucessivas gerações, que ele tinha razão. O comunismo ruiu e não produziu o paraíso dos proletários. O capitalismo gerou um grande desenvolvimento tecnológico e sócio-econômico. Todavia, o capitalismo precisa de inúmeras correções, pois é sustentado pela paranóia da competição predatória, pelo individualismo, pela valorização da produtividade acima das necessidades intrínsecas da humanidade. A democracia, que tem sido uma das mais importantes conquistas da inteligência humana por garantir o direito a liberdade de pensar e se expressar, não estancou algumas chagas psicossociais fundamentais da sociedade moderna como a violência psicológica, as discriminações, a fármaco-dependência, a exclusão social.

Agora vamos retornar ao ambiente em que Cristo vivia. Como expliquei, ele procurou realizar uma revolução clandestina na psique e no espírito humano. Por diversas vezes, demonstrou claramente que o seu trono não estava em Jerusalém. Para espanto de todos, declarou que seu reino se localizava no interior de cada ser humano. Jerusalém era a capital cultural e religiosa de Israel, onde escribas e fariseus, que eram os líderes políticos e os intelectuais da época, amavam, como alguns políticos de hoje, os melhores lugares nos banquetes, o status e o brilho social (*Mateus 23:5-7*).

Cristo sabia que em Jerusalém esses líderes jamais aceitariam essa revolução interior, jamais aceitariam essa mudança na natureza humana, essa transformação no pensamento e na maneira de ver o mundo. De fato, sua proposta, ao mesmo tempo bela e atraente, era ousadíssima. Conduzir as pessoas a se interiorizar e reciclar seus paradigmas e conceitos culturais é uma tarefa quase impossível quando elas são intelectualmente rígidas e fechadas. Ele sabia e previa que, quando abrisse a boca, a cúpula de Israel iria odiá-lo, rejeitá-lo e persegui-lo. Por isso, passou um longo período na Galileia antes de ir para Jerusalém.

Israel traiu seu desejo histórico de liberdade

Israel sempre preservou sua identidade como nação e valorizou intensamente sua liberdade e independência. Seu povo tem uma história incomum e, em certo sentido, poética. Abraão, o patriarca desse povo, deixou com intrepidez a conturbada terra de Ur dos caldeus e foi em busca de uma terra desconhecida.

Abraão era um homem íntegro e determinado. Ele deu origem a Isaque. Isaque deu origem a Jacó, que recebeu o nome de Israel, que significa "príncipe de Deus": Israel teve 12 filhos, que deram origem a 12 tribos. Da tribo de Judá saíram os reis de Israel. O nome "judeu" deriva da tribo de Judá. As raízes milenares desse povo culturalmente rico impediam que ele se submetesse ao jugo de qualquer imperador. Apenas a força agressiva dos impérios sufocava o ardente desejo de liberdade e independência dessa nação.

Em razão do seu desejo compulsivo de liberdade, o povo de Israel passou por situações dramáticas em alguns períodos históricos, como no tempo de Calígula, Caio Calígula era um imperador romano agressivo, desumano e ambicioso. Além de ter mandado matar vários senadores romanos, destruído seus amigos e violado os direitos dos povos que subjuguava, ambicionava se passar por "deus". Desejava que todos os povos se dobrassem diante dele e o adorassem. Para o povo judeu, esse tipo de adoração era inadmissível e insuportável. Caio sabia dessa resistência e odiava a sua audácia e insubordinação. *

* Josefos, Otávio, *Histórico dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

Os judeus, mesmo combatidos, desterrados, errantes e ameaçados de passar por uma faxina étnica, foram praticamente os únicos que não se dobraram aos pés de Caio. A liberdade, para esse povo, não tinha preço.

Flavio Josefos, um brilhante historiador que viveu no século I desta era, nos relata uma história dramática pela qual esse povo de Israel passou por causa do desejo de preservar sua independência, o povo de Israel era considerado um corpo estranho no vasto domínio de Roma e tinha freqüentes reações contra esse império. No ano 70 d.c., os judeus novamente se revoltaram e se sitiaram dentro de Jerusalém. Tito, general romano, foi encarregado de debelar o foco de resistência e retomar Jerusalém. Os judeus podiam render-se ou resistir e lutar. Preferiram a resistência e a luta. Tito cercou Jerusalém e iniciou uma das mais sangrentas guerras da história.

Os judeus resistiram além de suas forças. A fome, a angústia e a miséria foram enormes. Morreram tantos judeus, que a cidade ficou impregnada de mau cheiro. Pisava-se em cadáveres nas ruas. Por fim, Jerusalém foi destruída e o que restou do povo foi levado como cativo, e dispersado. *

Esses exemplos mostram o desejo desesperado do povo judeu de preservar sua liberdade, sua identidade e sua independência. Porém, houve uma época em que a cúpula judaica traiu seu desejo de liberdade e independência. É incrível constatar, mas Jesus perturbou tanto os líderes judeus com sua revolução interior e seus pensamentos, que eles preferiram um imperador gentio à liderança de Cristo que tinha raízes judaicas, embora afirmasse que não queria o trono político. Israel preferiu manter a simbiose com o Império Romano a admitir Jesus como o Cristo.

A cúpula de Israel, na época de Cristo, desejou mais o poder sócio-político do que a busca de liberdade e independência. Todavia, a imensa maioria do povo judeu provavelmente não concordava com essa postura. Havia até mesmo diversos membros da cúpula, como Nicodemos e Jose de Arimatéia, que tinham grande apreço por Cristo e discordavam da sua injusta condenação. Entretanto, eles se calaram, pois temiam as conseqüências que sofreriam por acreditarem em Jesus.

Quando foi que a cúpula judaica traiu o desejo de liberdade e independência que movia há séculos o povo de Israel? Foi quando Pilatos, zombando dela, disse que não poderia crucificar o "rei dos judeus" (*Marcos 15:9*). Seus dirigentes ficaram indignados com o ultraje de Pilatos e por isso o pressionaram e suplicaram-lhe que crucificasse Cristo, dizendo que Cesar é que era seu rei. Os judeus sempre rejeitaram drasticamente o domínio do Império Romano, mas naquele momento preferiram Cesar a Cristo. Um romano a um judeu.

Como disse, Jesus afirmava que queria um reino oculto dentro do ser humano. A liderança judia se sentia ameaçada por seus pensamentos. Seu plano era intrigante e complexo demais para ela. Seu propósito quebrava todos os paradigmas existenciais. Por isso, Cristo foi drasticamente rejeitado. Alguns judeus dizem hoje que Cristo era uma pessoa querida e valorizada na sua época pela cúpula judaica. Porém, as biografias de Cristo são claras a esse respeito. Ele foi silenciado, odiado, zombaram dele, cuspiram-lhe no rosto, embora fosse amável, dócil e humilde, e ao mesmo tempo pronunciasse palavras chocantes, nunca ouvidas. Suas palavras se tornaram perturbadoras demais para serem analisadas, principalmente por aqueles que amavam o poder e não eram fiéis a sua própria consciência,

A síndrome de Pilatos

A cúpula judaica ameaçou denunciar Pilatos ao governo de Roma se ele não condenasse Jesus. Pilatos tinha um grande poder conferido pelo Império Romano: o de vida e de morte. Todavia, era um político fraco, omisso e dissimulado.

Ao inquirir Cristo, Pilatos não via injustiça nele (*Marcos 15:4*). Por isso, desejava soltá-lo, mas era frágil demais para suportar o ônus político dessa decisão. Assim, cedeu a pressão dos judeus. Entretanto, para mostrar que ainda detinha o poder político, fez uma pequena cena teatral: lavou as mãos. Pilatos se escondeu atrás do gesto de lavar as mãos. Não apenas cometeu um crime contra Cristo, mas também contra si mesmo, contra a fidelidade a sua própria consciência. Aquele que é infiel a sua própria consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo.

A síndrome de Pilatos tem varrido os séculos e contaminado muitos políticos. É muito mais fácil se esconder atrás de um discurso eloqüente do que assumir com honestidade seus atos e suas responsabilidades sociais. A síndrome de Pilatos se caracteriza pela omissão, dissimulação, negação do direito, da dor e da história do outro.

Cristo era seguido pelas multidões. Por onde passava havia um grupo de pessoas despertadas por ele. As multidões se aglomeravam ao seu redor. Isso causava grande ciúme na cúpula judaica.

Pessoas de todos os níveis o procuravam para ouvir aquele homem amável e ao mesmo tempo instigante e determinado. Procuravam conhecer os mistérios da existência, ansiavam pela transformação íntima, clandestina, que ele proclamava. Os relatos demonstram que, certa vez, mais de cinco mil homens o seguiram, e em outra ocasião mais de quatro mil, sem contar mulheres e crianças (*Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44*). Tratava-se de um fenômeno social espetacular. Provavelmente nunca um homem que vivera naquela região havia despertado tanto o ânimo das pessoas. Nunca um homem sem qualquer aparência especial ou propaganda foi seguido de maneira tão apaixonada e calorosa pelas multidões.

Os dirigentes judeus estavam muito preocupados com o movimento social em torno de Cristo. Tinham medo de que ele desestabilizasse a simbiose entre a liderança de Israel e o Império Romano.

Por isso, ele tinha que ser eliminado. A liderança judaica nem sequer cogitou acerca da linhagem de Cristo, de suas origens. Não se preocupou em questioná-lo honestamente. Para ela, ele não tinha derramado lágrimas, não possuía uma família, não tivera infância, não sofrera, não construíra relacionamentos, enfim, não tinha história. A ditadura do preconceito anula a história das pessoas. Cristo tinha de morrer, não importava quem ele fosse.

Cristo abalaria qualquer sistema político sob o qual tivesse vivido

A liderança judaica não se importou em sujar as mãos arrumando testemunhas falsas. O importante era condenar Cristo. Porém, como não havia coerência entre as testemunhas, não conseguiram argumentos plausíveis para condená-lo (*Mateus 26:59-61*). São atípicos os paradoxos que envolvem a história de Cristo. Ninguém falou do amor como ele e, ao mesmo tempo, ninguém foi tão odiado como ele.

Cristo se doou e se preocupou ao extremo com a dor do "outro", mas ninguém se preocupou com a sua dor. Foi ferido e rejeitado sem oferecer motivos para tanto. Era tão dócil, e sofreu tanta violência. Não queria o trono político, mas o trataram como se fosse o mais agressivo dos revolucionários.

Se Cristo vivesse nos dias de hoje, também seria uma ameaça para o governo local? Seria drasticamente rejeitado? Provavelmente, sim. Embora preferisse o anonimato e não fizesse propaganda de si mesmo, não conseguia se esconder. É impossível esconder alguém que fale o que ele falou e faça o que ele fez. Se naquela época em que a comunicação era restrita e não havia imprensa ele era seguido por multidões, podemos imaginar como seria nos dias de hoje.

Se Cristo vivesse hoje, a imprensa escrita o estamparia nas primeiras páginas e os jornais televisivos teriam uma equipe de plantão 24 horas acompanhando-o. Ele seria o maior fenômeno social e geraria os fatos jornalísticos mais importantes. Hoje, a população que o seguiria poderia ser multiplicada por 10,50, 100 ou muito mais. Imaginemos 100 mil ou 500 mil pessoas seguindo-o: isso causaria um tumulto social sem precedentes. O governo local o consideraria um conspirador contra o sistema político. Além disso, o fato de Cristo procurar se isolar toda vez que era muito assediado, de ser muito sensível às misérias físicas e psíquicas, de estar sempre procurando aliviar a dor do outro, de tocar profundamente nos sentimentos humanos e de não fazer acordos com qualquer tipo de político já causaria incômodo a qualquer governo que, por mais democrático que fosse, teria conchavos nos seus bastidores.

Para alguns políticos, ele seria condenado por pôr em risco o regime; para outros, por representar uma ameaça aos ganhos secundários do poder. Cristo abalaria qualquer governo em qualquer época em que vivesse. Seu desejo de libertar o ser humano dentro de si mesmo e sua revolução interior não seriam compreendidos por nenhum sistema político.

CAPITULO 6

O discurso de Cristo deixaria a medicina atual atônita e tocaria na maior crise existencial do ser humano

A crise existencial gerada pelo fim do espetáculo da vida

A morte física faz parte do ciclo natural da vida, mas a morte da consciência humana é inaceitável, só a aceitam aqueles que nunca refletiram minimamente sobre as suas conseqüências psicológicas e filosóficas, ou aqueles que nunca sofreram a dor indescritível da perda de alguém que se ama.

É aceitável o caos que desorganiza e reorganiza a matéria. Tudo no universo organiza-se, desorganiza-se e reorganiza-se novamente. Todavia, para o ser humano pensante, a morte estanca o show da vida, produzindo a mais grave crise existencial de sua história. A vida física morre e se descaracteriza, mas a vida psicológica clama pela continuidade da existência. Ter uma identidade, possuir o espetáculo da construção dos pensamentos e ter consciência de si mesmo e do mundo que nos cerca são direitos personalíssimos, que não podem ser alienados e transferidos por dinheiro, circunstâncias, pacto social ou intelectual algum.

Se uma doença degenerativa do cérebro ou um traumatismo craniano podem, às vezes, comprometer profundamente a memória e trazer conseqüências dramáticas para a capacidade de pensar, podemos imaginar quais seriam as conseqüências do caos da morte. No processo de decomposição, o cérebro é esmigalhado em bilhões de partículas, esfacelando os mais ricos segredos que sustentam a personalidade e os segredos da história da existência contida na memória.

É inconcebível a ruptura do pulsar da vida. É insuportável a inexistência da consciência, o fim da capacidade de pensar. A inteligência humana não consegue entender o fim da vida. Existem áreas que o pensamento consciente jamais conseguirá compreender de forma adequada, a não ser no campo da especulação intelectual. Uma delas é o pré-pensamento, ou seja, os fenômenos inconscientes que formam o pensamento consciente. O pensamento não pode apreender o pré-pensamento, pois todo discurso sobre ele nunca será o pré-pensamento em si, mas o pensamento já elaborado.

Outra coisa incompreensível pelo pensamento é a consciência do fim da existência, o pensamento nunca atinge a consciência da morte como o "fim da existência", o "nada existencial", pois o discurso dos pensamentos sobre o nada nunca é o nada em si, mas uma manifestação da própria consciência. Por isso, a pessoa que comete um ato de suicídio não tem consciência da morte como fim da vida. Os que pensam em suicídio não querem de fato matar a vida, dar fim a existência, mas "matar" a dor emocional, a angústia, o desespero que abate suas emoções.

A idéia de suicídio é uma tentativa inadequada e desesperada de procurar transcender a dor da existência, e não por fim a ela. Só a vida tem consciência da morte. A morte não tem consciência de si mesma. A consciência da morte é sempre uma manifestação da vida, ou seja, é um sistema intelectual que discursa sobre a morte, mas nunca atinge a realidade em si.

A consciência humana jamais consegue compreender plenamente as conseqüências da inexistência da consciência, do silêncio eterno. Por isso, todo pensador ou filósofo que tentou, como eu, compreender o fim da consciência, o fim da existência, vivenciou um angustiante conflito intelectual. Veremos que o pensamento de Cristo referente ao fim da existência tinha uma ousadia e uma complexidade impressionantes. Ele discursava sobre a imortalidade com uma segurança incrível.

A maioria dos seres humanos nunca procurou compreender algumas implicações psicológicas e filosóficas da morte, mas sempre resistiu intensamente a ela. Por que em todas as sociedades, mesmo nas mais primitivas, os homens criaram religiões? O fogo, um animal, um astro funcionavam como deuses para os povos primitivos projetarem os mistérios da existência. Pode-se dizer que a necessidade de uma busca mística (espiritual) é sinal de fraqueza intelectual, de fragilidade da inteligência humana? Não, pelo contrário, ela é sinal de grandeza intelectual. Expressa um desejo vital de continuidade do espetáculo da vida.

A filosofia e a possibilidade de transcender a finitude existencial

Muitos pensadores da filosofia produziram conhecimentos sobre a metafísica como tentativa de compreender os mistérios que cercam a existência. A metafísica é um ramo da filosofia que estuda o conhecimento da realidade divina pela razão, o conhecimento de Deus e da alma (Descartes),* enfim, investiga a natureza e o sentido da existência humana. Grandes pensadores como Aristóteles, Tomas de Aquino, Agostinho, Descartes e Kant, discursaram de diferentes maneiras sobre a metafísica. Esses pensadores eram intelectualmente frágeis? De modo algum! Por pensar na complexidade da existência, eles produziram idéias eloqüentes sobre a necessidade intrínseca de o ser humano transcender os seus limites e, em certos casos, superar a finitude da vida. Muitos deles fizeram de Deus um dos temas fundamentais das suas discussões e indagações intelectuais.

* Valery, Paul. *O pensamento vivo de Descartes*. São Paulo: Martins Fontes/EDUSP, 1987.

Augusto Comte e Friedrich Nietzsche foram grandes filósofos ateus. Porém, é estranho que esses dois grandes ateus tenham produzido, em alguns momentos, uma filosofia com conotação mística. Comte queria estabelecer os princípios de uma religião universal, uma religião positivista. * Nietzsche discursava sobre a morte de Deus, porém no final de sua vida produziu *Assim falou Zaratustra* *: uma obra contendo princípios que regulavam a existência, tais como os provérbios de Salomão. Alguns vêem nesse livro um esforço de última hora para recuperar a crença na imortalidade. Ninguém deve ser condenado por rever sua posição intelectual, pois, do ponto de vista psicológico e filosófico, há uma crise existencial intrínseca no ser humano diante do fim da existência.

A imprensa divulgou que Darcy Ribeiro, um dos grandes pensadores brasileiros, que sempre foi ateu declarado, pediu aos seus íntimos, momentos antes de morrer, que lhe dessem um pouco de fé. Tal pedido refletia um sinal de fraqueza desse ousado pensador? Não. Refletia a necessidade universal e incontida de continuidade do espetáculo da vida.

Há doenças psíquicas que geram uma fobia ou medo do doentio da morte, como a síndrome do pânico e determinados transtornos obsessivos compulsivos (TOC). No "pânico" ocorre um dramático e convincente teatro da morte. Nele há uma sensação súbita e iminente de que se vai morrer. Tal sensação gera uma série de sintomas psicossomáticos como taquicardia, aumento da frequência respiratória e sudorese. Esses sintomas são reações metabólicas instintivas que tentam levar a pessoa a fugir da situação de risco. Todavia, no "pânico" tal situação de risco é imaginária, apenas um teatro dramático que o "eu" deve aprender a gerenciar, às vezes com o auxílio de antidepressivos.

Nos TOC, principalmente naqueles que estão relacionados a idéias fixas de doenças, ocorrem também reações fóbicas diante da morte, que aqui também é imaginária. Nesses transtornos há uma produção de pensamentos de conteúdo negativo, não gerenciada pelo "eu", que fazem a pessoa ter idéias fixas de que esta com câncer, de que vai sofrer um infarto, ter um derrame, etc. O TOC e a síndrome do pânico acometem pessoas de todos os níveis intelectuais. A experiência imaginária da morte na síndrome do pânico e nos transtornos obsessivos causa uma ansiedade intensa, desencadeando uma série de sintomas psicossomáticos. Tais doenças podem e devem ser tratadas.

Apesar de haver doenças psíquicas que geram uma fobia doentia da morte, há uma fobia legítima, não doentia, ligada ao fim da existência, que psiquiatra ou medicamento algum podem eliminar. A vida só aceita o próprio fim se não estiver próxima desse fim. Caso contrário, ela o rejeita automaticamente ou então o aceita se estiver convencida da possibilidade de superá-lo.

***O homem animal e o psicológico não aceitam a morte.
Equívoco intelectual do ateísmo de Marx.***

Nem o "homem animal ou instintivo" nem muito menos o "homem psicológico ou intelectual" aceitam a morte. Quando estamos correndo risco de morte, seja por uma dor, um ferimento, a ameaça de uma arma, um acidente, o "homem animal" surge com intensidade: os instintos são aguçados, o coração acelera, a frequência respiratória aumenta e surge uma série de mecanismos metabólicos para nos retirar da situação de risco de morte. Quando o homem animal aparece, o homem intelectual diminui, ou seja, fecha as janelas da inteligência, retraindo a lucidez e a coerência. Nesse caso, os instintos prevalecem sobre o pensamento.

Toda vez que estamos sob uma grande ameaça, ainda que seja imaginária, reagimos muito e pensamos pouco. Por vivermos numa sociedade doentia onde prevalecem a competição predatória, o individualismo e a crise de diálogo, criamos uma fábrica de estímulos negativos que cultivam o estresse do homem animal, como se ele vivesse continuamente sob ameaça de morte. O indivíduo das sociedades modernas tem mais sintomas psicossomáticos do que o das tribos primitivas.

O homem psicológico, mais do que o homem animal, se recusa a aceitar a morte. O desejo de eternidade, de transcender o caos da morte, e inerente ao ser humano, não é fruto da cultura. Como veremos, Cristo tinha consciência disso. Seu discurso sobre a eternidade ainda hoje é perturbador. Os que estão vivos elaboram muitos pensamentos para procurar confortar-se diante da perda dos seus entes queridos, como "Ele deixou de sofrer", "Ele descansou", "Ele está num lugar melhor". Mas ninguém diz "Ele deixou de existir". A dor da perda de alguém é uma celebração a vida. Ela representa um testemunho claro do desejo irrefreável do ser humano de fazer prosseguir o show da existência.

Num velório, os íntimos da pessoa que morreu que geralmente representam a minoria, sofrem muito, enquanto que os agregados, que são a maioria, fazem terapia. Como e que os agregados fazem terapia? Eles procuram se interiorizar e se reciclar diante da morte do outro. Dizem entre si: "Não vale a correria da vida", "Não vale a pena se estressar tanto", "A vida é muito curta para lutar por coisas banais, depois morremos e fica tudo ai..". Essa terapia grupal não é condenável, pois representa uma revisão saudável da vida. A terapia grupal nos velórios é uma homenagem inconsciente a existência.

O desejo de superar o fim da existência está além dos limites das ideologias intelectuais e sócio-políticas. Um dos maiores erros intelectuais de Karl Marx foi ter procurado criar uma sociedade pregando o ateísmo como massificação cultural. Marx encarou a religiosidade como um problema para o socialismo. Era um pensador inteligente, mas, por conhecer pouco o bastidor da mente humana, foi ingênuo. Talvez nunca tenha refletido com mais profundidade sobre as conseqüências psicológicas e filosóficas do caos da morte. Se o tivesse feito, compreenderia que o desejo de superação da finitude existencial é irrefreável. O desejo de continuar a sorrir, a pensar, a amar, a sonhar, a projetar, a criar, a ter uma identidade, a ter consciência de si e do mundo está além dos limites da ciência e de qualquer ideologia sócio-política.

O ser humano possui uma necessidade intrínseca de buscar Deus, de criar religiões e de produzir sistemas filosóficos metafísicos. Tal necessidade surge não apenas como tentativa de superar sua finitude existencial, mas também para explicar a si mesmo, o mundo, o passado, o futuro, enfim, os mistérios da existência.

O ser humano é uma grande pergunta que por dezenas de anos procura uma grande resposta. Ele tenta explicar o mundo. Todavia, sabe que explicar a si mesmo e o maior desafio da sua própria inteligência. Vimos que pensar não é uma opção do ser humano, mas o seu destino inevitável. Não conseguimos interromper o processo de construção de pensamentos. É impossível conter a necessidade de compreendermos a nós mesmos e o mundo que nos cerca. Na mente humana há uma verdadeira revolução de idéias que não pode ser estancada nem mesmo pelo controle do "eu".

Nas próximas décadas, os povos socialistas que viveram sob a propaganda ateísta serão os mais religiosos, os que mais buscarão a existência de Deus. Por que? Porque o socialismo tentou eliminar algo indestrutível. Tudo indica que essa busca já está ocorrendo intensamente na Rússia e na China. Na China havia 5 milhões de cristãos na época em que o socialismo foi implantado. Agora, depois de tantos anos de propaganda ateísta, há notícias extra-oficiais de que haveria mais de 50 milhões de cristãos naquele país. Além disso, há milhões e milhões de chineses adeptos de diversas outras religiões.

O desejo de transcender o fim da existência não pode ser contido. A melhor maneira de propagar uma religião é tentar destruí-la. A melhor maneira de incendiar o desejo do ser humano de buscar Deus e superar o caos da morte é tentar destruir esse desejo.

A medicina como tentativa desesperada de aliviar a dor e prolongar a vida.

A ansiedade pela continuidade da existência e a necessidade de mecanismos de proteção diante da fragilidade do corpo humano mergulharam o ser humano tanto numa busca mística (espiritual) como também promoveram intensamente o desenvolvimento da ciência ao longo da história.

Os produtos industriais embutem mecanismos de segurança que revelam a ansiedade humana pela continuidade da existência. Os aparelhos elétricos e eletrônicos têm de possuir mecanismos de segurança para os usuários. Os veículos incorporam cada vez mais sistemas de proteção para os passageiros. A engenharia civil possui alta tecnologia para produzir construções que sejam não apenas funcionais, mas também seguras. Nas empresas, os mecanismos de segurança são fundamentais nas atividades de trabalho. Porém, de todas as ciências que foram influenciadas pela necessidade de continuidade e preservação da integridade física e psicológica do ser humano, a medicina foi a mais marcante.

A medicina agrega um conjunto de outras ciências: a química, a biologia, a física, a biofísica, a matemática, etc., e tem experimentado um desenvolvimento fantástico. Evoluiu tanto como tentativa desesperada de superar a dor como para prolongar a vida.

Há milhões de volumes nas bibliotecas de medicina, e inúmeras revistas médicas são editadas todos os meses. O conhecimento se multiplica de tal maneira que a cada dia surgem novas especialidades. Todos os anos são descobertas novas técnicas laboratoriais, cirúrgicas, com novos aparelhos dando suporte aos diagnósticos. Diariamente são realizadas no mundo todo mesas-redondas, conferências e congressos médicos de todas as especialidades. Por que a medicina está passando por um desenvolvimento explosivo? Porque o ser humano quer aliviar a dor, melhorar sua qualidade de vida e prolongar a sua existência.

A medicina é uma ciência poética. Os médicos sempre desfrutaram de grande prestígio social em toda a história da humanidade, pois, ainda que não percebam, eles mexem com as nossas mais dramáticas necessidades existenciais: aliviar a dor e prolongar a vida.

Há dois dramas existenciais democráticos que atinge todo ser humano: o envelhecimento e o fim da existência. De um lado, cientistas do mundo inteiro gastam o melhor do seu tempo para descobrir medicamentos, conhecer o metabolismo celular, pesquisar novos aparelhos. Todas essas pesquisas objetivam fornecer novas técnicas e procedimentos para diagnosticar doenças, preveni-las, tratá-las e, assim, melhorar a qualidade de vida e adiar o inevitável: o fim da existência.

De outro lado, muitos pesquisadores estão produzindo novos conhecimentos por meio da medicina ortomolecular, da estética e da cirurgia plástica, a procura do rejuvenescimento e tentando retardar o envelhecimento.

Tanto a incontida busca espiritual do ser humano, ao longo da história, quanta o contínuo desenvolvimento da medicina são dois testemunhos vivos de que no âmago de cada um de nós pulsa o desejo ardente de superar o drama do envelhecimento e do fim da existência e, conseqüentemente, de prolongar o espetáculo da vida.

O discurso de Cristo sobre o segredo da eternidade

Após essa exposição, retornemos ao nosso personagem principal: Jesus Cristo. Vamos estudar o impacto que suas palavras sobre a crise existencial do ser humano e a sua proposta a respeito da superação do caos da morte provocariam nos dias de hoje.

Imaginemos Cristo reagindo, falando, expressando seus pensamentos numa sociedade que não tivesse qualquer ligação com o cristianismo. O que ele diz sobre a crise existencial da espécie humana? O que ele tem para nos falar sobre a continuidade do espetáculo da vida? Suas palavras sobre esses assuntos são triviais? Elas perturbariam nossos pensamentos? Suas idéias sobre o fim da existência se aproximam do pensamento dos intelectuais?

Cristo pronunciou palavras incomuns, inéditas, capazes de abalar tanto os alicerces dos cientistas da medicina quanta da religiosidade humana. Antes de responder a tais perguntas, vamos resgatar algumas características de Cristo. Ele possuía um viver que primava por um paradoxo. Por um lado, expunha-se publicamente e, por outro, procurava, sempre que possível, o anonimato.

Além disso, ele não impunha suas idéias, mas as expunha. Não pressionava ninguém a segui-lo, apenas convidava. Era contra o autoritarismo do pensamento, por isso procurava continuamente abrir as janelas da inteligência das pessoas para que refletissem sobre suas palavras. Resumindo, Cristo não gostava de se exhibir, conhecia as distorções da interpretação, era elegante no seu discurso e aberto quando expunha seus pensamentos. Agora, vamos investigar sua biografia e conhecer outras particularidades da sua personalidade.

Cristo era flexível e brando ao abordar os assuntos de que tratava, mas em alguns pontos foi extremamente determinado. Entre esses pontos destaca-se o que ele pensava sobre a continuidade da existência e sobre a eternidade.

A respeito da continuação do espetáculo da vida, ele era incisivo. Não deixava margem de dúvida sobre seu pensamento. E, diga-se de passagem, seu pensamento era ousadíssimo, pois ele dizia claramente que tinha o segredo da eternidade. Afirmava que a vida eterna passava por ele. Ele falou: "*Quem crer em mim, ainda que morra, viverá !*" (João 11:25), "*Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer esse pão, viverá para sempre*" (João 6:51). Proferiu muitas palavras semelhantes a essas, que são incomuns e possuem uma dimensão indescritível.

Ele não disse que se as pessoas obedecessem a regras de comportamento ou doutrinas religiosas teriam a vida eterna. Não! **Os textos são claros:** Cristo concentrou em si mesmo o segredo da eternidade. Disse que aqueles que cressem nele e o incorporassem interiormente teriam a vida eterna, a vida inesgotável e infinita. Quem fez um discurso como esse na história ?

De todos os homens que brilharam em suas inteligências, ninguém foi tão ousado em seus pensamentos como Cristo. De todos aqueles que fundaram uma religião, uma corrente mística ou uma filosofia metafísica, ninguém teve a intrepidez de proferir palavras semelhantes as dele.

Ao investigarmos o pensamento de Cristo, verificamos que ele realmente não falava de mais uma religião nem de uma corrente de pensamento. Falava dele mesmo, discorria sobre a sua própria vida e o poder que ela continha! Chegou até a afirmar que ele próprio era "*O caminho, a verdade e a vida*" (João 14:6). Ao proferir essas palavras, atribuiu a si mesmo o caminho para chegar a verdade em seus amplos aspectos e o caminho para conquistar uma vida infindável.